

BOLSAS	BOVESPA	A-BOND	DÓLAR	EURO	Ouro	CDB	INFLAÇÃO	
Na segunda (em %) +1,15 Fim de dia - 0,10 Nova York	Índice da Bovespa nos últimos dias (em pontos) 33.223 6/12 7/12 8/12 9/12 12/12 32.970	Título da dívida externa brasileira, na segunda US\$ 1,062 Queda de 0,33%	segunda-feira (em R\$) 2,260 (▲ 1,31%)	Últimas cotações (em R\$) 05/dezembro 2,19 06/dezembro 2,18 07/dezembro 2,19 08/dezembro 2,22 09/dezembro 2,25	Turismo, venda (em R\$) na segunda 2,757 (▲ 0,02%)	R\$ 38,400 (▲ 0,78%)	Prefeito, 30 dias (em % ao ano) 17,79	IPCA do IBGE (em %) Julho/2005 0,25 Agosto/2005 0,17 Setembro/2005 0,35 Outubro/2005 0,75 Novembro/2005 0,55

CONJUNTURA

O presidente Lula está convencido de que a queda do juro básico da economia pode ser mais rápida e cobra do ministro Palocci que convença os diretores do Banco Central a reduzir fortemente a Selic

Ronaldo de Oliveira/CB/5.8.05

Economia - Brasil



MEIRELLES, DO BC, E PALOCCI, DA FAZENDA, FICAM DISTANTES DO PRESIDENTE LULA, QUE SE APROXIMA DE FURLAN, DO DESENVOLVIMENTO: JURO ALTO É O MOTIVO

Pressão e ameaça

VICENTE NUNES E
LUÍS OSVALDO GROSSMANN
DA EQUIPE DO CORREIO

Sob uma saraivada de críticas pelo conservadorismo, o Comitê de Política Monetária se reúne a partir de hoje tendo no presidente Luiz Inácio Lula da Silva — até agora analista da política monetária —, a principal fonte de pressão. Ele está convencido de que há espaço para o Copom anunciar amanhã um corte superior a 0,5 ponto percentual na taxa básica de juros (Selic), que está em 18,5% ao ano. Nas várias reuniões que manteve com o ministro Antonio Palocci (Fazenda), Paulo Bernardo (Planejamento), Dilma Rousseff (Casa Civil) e Jacques Wagner (Relações Institucionais), ao longo da segunda-feira, o presidente mostrou seu descontentamento com os sinais do BC de manter a cautela e baixar a Selic só 0,5 ponto, a des-

peito dos mais recentes índices de inflação mostrarem recuo no ritmo de reajuste dos preços — a primeira prévia de dezembro do Índice Geral de Preços do Mercado (IGPM) ficou em 0,06%.

Em várias oportunidades, Lula chegou a dizer que será “loucura” o Copom manter o conservadorismo e perder um momento tão bom para estimular a retomada da economia já início do ano que vem. O presidente, de olho na reeleição no ano que vem, ressaltou que é preciso estimular os investimentos produtivos, que vão garantir o aumento da renda e do emprego — como se viu em 2004. São justamente os investimentos, na visão do presidente, os maiores prejudicados pelos juros altos.

Lula está pressionando, sobretudo, o ministro da Fazenda. Ele acredita que Palocci deve convencer os diretores do BC a serem mais flexíveis na condução da política monetária, já que

o próprio mercado financeiro admite haver espaço para cortes mais ousados nos juros. Nas conversas com os ministros, segundo assessores do Planalto, o presidente argumentou ainda que, com o novo calendário do Copom, de apenas oito reuniões no ano que vem, o afrouxamento da Selic deve começar já. Na visão do presidente, não adianta cortar 0,5 ponto agora e esperar pelo dia 31 de janeiro, quando o Comitê se reunirá novamente, para reduzir mais 0,75 ponto. Se depender da vontade de Lula, os juros chegarão ao meio do ano em 15%, enquanto o mercado espera esse nível apenas para dezembro de 2006.

Demissões

A disposição do presidente em acelerar a queda dos juros é tamanha, que, pelos sinais emitidos, segundo seus assessores, não está descartada a possibilidade de trocas na equipe econô-

mica. Como Lula já está preparando uma reforma ministerial para janeiro, quando deverão sair do governo pelo menos dez ministros para concorrer a cargos eletivos, pode-se usar a ocasião para se fazer algumas mudanças em cargos estratégicos. Se realmente insistir nesse caminho, o primeiro da lista de substituições é o diretor de Política Econômica do BC, Afonso Beviláqua, que só não foi demitido no fim do ano passado, porque Palocci e o presidente do BC, Henrique Meirelles, fizeram de tudo para segurá-lo, sob o argumento de que tal demissão poderia causar estresse desnecessário no mercado.

Entre os integrantes da equipe econômica, o sentimento em relação à pressão de Lula sobre os juros, que tem o aval de Dilma e dos colegas de ministérios Luiz Fernando Furlan (Desenvolvimento) e Luiz Marinho (Trabalho), é de descontentamento. Para a equipe, isso só está aconte-

cendo porque Palocci ficou mais fraco, depois de denúncias de corrupção quando foi prefeito de Ribeirão Preto, e porque já não detém mais a confiança incondicional do presidente.

Esse enfraquecimento do ministro da Fazenda, por sinal, pode levá-lo a ceder aos argumentos de Lula, como forma de recuperar parte do terreno perdido. Para Palocci também é interessante que a economia volte a crescer mais rapidamente, o que o cairá para um cargo eletivo no caso de deixar o governo.

Politicagem

Não é apenas Lula que vê espaço para uma política mais agressiva do Copom na condução dos juros. Para Alexandre Póvoa, economista-chefe do Banco Modal, e João Marcos Nunes, economista-chefe da Corretora Ágora Senior, com a conjuntura atual, de atividade andando num ritmo mais lento e de inflação conver-

gindo para a meta de 4,5% perseguida para 2006, o corte mínimo da Selic amanhã deveria ser de 0,75 ponto. “Certamente, se insistir no conservadorismo e baixar apenas 0,5 ponto dos juros, o Copom vai errar”, destaca Nunes.

Luís Otávio de Souza Leal, economista-chefe do Banco ABC Brasil, reconhece que o momento é favorável a juros mais baixos. Mas, a seu ver, a pressão de Lula sobre o Banco Central para acelerar os cortes da Selic se sobreponha às questões técnicas. “O presidente não pode questionar a autonomia do BC, pois isso destruirá a credibilidade da política monetária construída nos últimos três anos”, afirma. Para Leal, foi o próprio Lula quem sempre ressaltou a autonomia do Copom para tomar decisões. “Então, se mudar o discurso agora, porá em risco o controle da inflação”, diz.

COLABOROU SANDRO LIMA